

UM TENAZ SERVIÇO A DEUS E À IGREJA

D. ALVARO DEL PORTILLO

Bispo titular de Vita

Prelado do Opus Dei

Artigo publicado em «L'Osservatore Romano», ed. quotidiana (16-5-92), e transcrito nalgumas edições semanais. Como o mais directo colaborador de Mons. Escrivá e seu sucessor no governo do Opus Dei, o seu depoimento reveste-se de particular interesse.

O núcleo central da mensagem de Mons. Escrivá de Balaguer é constituído pela tomada de consciência da transformação radical que a graça baptismal opera no homem: ao ser feito participante da natureza divina, ele torna-se filho de Deus e é, portanto, chamado à santidade. É uma audácia enorme, que está admiravelmente sintetizada neste pensamento do *Sulco*: «Devemos amar a Deus, não apenas com o nosso coração, mas com o *Seu* (n. 809). É uma vigorosa recuperação de raiz evangélica, que assinala a convergência vital das dimensões essenciais da vida cristã: a Igreja como lugar e fonte de comunhão com Deus, o primado da graça, a centralidade dos sacramentos...

Mas esta tomada de consciência da vocação cristã como chamamento à santidade foi, não só o fulcro da sua pregação, mas sobretudo o núcleo central da sua vida espiritual. Todos os que lidaram com Josemaría Escrivá contemplaram a inseparabilidade entre a sua personalidade e a missão para a qual o Senhor o tinha escolhido. O facto de ter podido cultivar ao longo de quarenta anos um convívio singularmente assíduo e profundo com ele, reforça na minha memória esta dimensão característica da sua fisionomia humana e espiritual.

Vi-o sempre, por assim dizer, no seu *acto primeiro* de Fundador, isto é, no seu acto de edificar quotidiana e continuamente o Opus Dei, e portanto, a Igreja, pois não em vão afirmava que a Obra existia só para servir a Igreja.

Secundando os desígnios de Deus

Esta identidade entre o seu ser pessoal e a sua actividade fundacional levaram Mons. Escrivá a aperfeiçoar-se pessoalmente — até ao grau heróico de todas as virtudes — na medida em que realizava o Opus Dei, experimentando cada dia a necessidade de secundar os desígnios de Deus. Frequentemente afloravam aos seus lábios expressões tais como: «*Nisto* estou a jogar a minha alma». Assim era a profundidade com que sentia a própria responsabilidade de Fundador, e que o levou a fazer o Opus Dei tal como Deus queria e a Igreja universal o necessitava.

Nunca se apagou da sua mente o repicar dos sinos da Igreja de Nossa Senhora dos Anjos que, a 2 de Outubro de 1928, dia da fundação do Opus Dei, tocavam festivamente em honra da sua Padroeira, a poucas centenas de metros de distância. Aqueles sons compuseram no seu coração uma única e grandiosa sinfonia, junto com as outras numerosas graças que o Senhor lhe concedeu para o sustentar e guiar na sua fundação. Entre estas, queria recordar o episódio transcrito nos seus *Apontamentos íntimos*, de 7 de Agosto de 1931: «Chegou o momento da Consagração: ao erguer a Sagrada Hóstia, sem perder o devido recolhimento, sem me distrair — tinha acabado de fazer *in mente* a oferta ao Amor Misericordioso —, veio ao meu pensamento, com uma força e uma claridade extraordinárias, aquela passagem das Escrituras *et si exaltatus fuero a terra, omnia traham ad meipsum* (Io 12, 32). Habitualmente, perante o sobrenatural, sinto medo. Depois vem o *ne timeas!*, sou Eu. E compreendi que serão os homens e as mulheres de Deus a erguer a Cruz com a doutrina de Cristo no pináculo de todas as actividades humanas... E vi o Senhor triunfar e atrair a Si todas as coisas».

O texto evangélico assume aqui um significado que vai para além do seu sentido literal. Enquanto no Evangelho esta expressão se refere ao género de morte que o Senhor deverá padecer e à sua futura Ressurreição, aqui estende-se a todo o tecido da história da humanidade redimida. Unindo-se à Morte e à Ressurreição de Jesus, o cristão é chamado — tal como Mons. Escrivá repetiu até ao último dia da sua vida — a «colocar Cristo no cume de todas as actividades humanas»: do trabalho, da ciência, da arte, da cultura, dos esforços humildes ou brilhantes com que os homens transformam o mundo, contribuem para o desenvolvimento da sociedade e se realizam a si próprios. Cristo deve ser novamente erguido, deve transformar por dentro todos os trabalhos realizados pelo homem; e o cristão, unido pela graça do Espírito em comunhão de vida com Cristo, santifica estas tarefas, santificando-se a si e ao próximo.

Esta afirmação das realidades temporais como lugar de encontro com Cristo e como meio de santificação constitui indubitavelmente um enriquecimento não

só para a teologia, mas para a própria vida da Igreja, cuja maioria esmagadora dos membros está precisamente chamada a santificar-se lidando com as realidades temporais segundo o Espírito de Cristo. A proclamação da vocação universal à santidade correria de facto o risco de ficar na abstracção, se não fosse completada pela afirmação do valor santificante de toda a realidade terrena, vivida em união com Cristo. Todos os homens, no seu labor quotidiano concreto, vêem-se assim activamente inseridos na obra da Redenção.

Uma especial visão da História

Dos numerosos escritos do Fundador do Opus Dei emerge uma grandiosa visão da História: «Cristo, Nosso Senhor, continua empenhado nesta sementeira de salvação dos homens e de toda a Criação, deste nosso mundo, que é bom, porque saiu bom das mãos de Deus. Foi a ofensa de Adão, o pecado do orgulho humano, que quebrou a harmonia divina da Criação. Mas Deus Pai, quando chegou a plenitude dos tempos, enviou o seu Filho Unigénito, que por obra do Espírito Santo encarnou em Maria sempre Virgem, para restabelecer a paz; para que, redimido o homem do pecado, *adoptionem filiorum reciperemus*, fôssemos constituídos filhos de Deus, capazes de participar na intimidade divina, e assim fosse concedida a este homem novo, a esta nova estirpe dos filhos de Deus, a libertação de todo o universo da desordem, restaurando todas as coisas em Cristo, que as reconciliou com Deus» (*Cristo que passa*, n. 183).

Não estamos diante de uma teoria, mas de uma visão que mana da fé e que portanto se reflecte — precisamente em virtude da tomada de consciência da santidade como horizonte da chamada baptismal —, não apenas nos grandes acontecimentos que forjam a civilização, mas também nos acontecimentos banais das mais humildes ocupações quotidianas. Este sólido realismo cristão constituiu um dos pontos firmes da pregação e da vida de Mons. Escrivá, como o atesta o capítulo de *Caminho* intitulado «Coisas pequenas». O espírito que dá sentido a cada uma das suas considerações só alcança o relevo devido, à luz de um amor que exprime a *voluntariedade* actual de servir um Deus para quem são importantes os nossos gestos mais insignificantes. «Faz tudo por amor. — Assim não haverá coisas pequenas: todas são grandes. — A perseverança nas coisas pequenas, por amor, é heroísmo» (n. 113).

Tudo isto foi mensagem e vida de Mons. Josemaria Escrivá de Balaguer. Por isso, ele é Fundador no sentido mais pleno: porque abriu um caminho de vida espiritual e ensinou a percorrê-lo. Tal como outras grandes figuras de Igreja, ele teve de um modo especial os dons apropriados à sua paternidade espiritual e, mais radicalmente, à sua fidelidade em servir a Vontade divina, que tem a sua própria e única razão de ser na edificação da Igreja. Testemunhas de tal fidelidade, todos os membros do Opus Dei e milhares de outras almas, elevam com alegria o seu pensamento ao Mistério da Igreja, à sua Unidade e variedade, à sua fecunda perenidade «até ao final dos tempos» (Mt 28, 20).

© *by* Edições LICEL,CRL, Apartado 570, 4711-915 Braga